

**ANÁLISE FONOLÓGICA DO INFINITIVO
NA FALA DOS CAMPO GRANDENSES/MS**

Michelli Fernanda de Souza (UEMS)

portugues_coordenacao@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br (UEMS)

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

RESUMO

Há uma vasta variação linguística no Brasil. O estudo referente a pesquisa procura investigar a variação entre a retenção e o apagamento da vibrante final dos verbos infinitivos /R/ no sistema verbal do português, levando em consideração o fato de que uma alternância entre uma forma e outra se dá de maneira ordenada e direcionada, condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Este trabalho será delineado a partir da seguinte estrutura: fundamentação teórica, metodologia, análise dos resultados e conclusões. Uma vez que, o objetivo é analisar a fala dos campo-grandenses (MS), no âmbito de uma conversa informal. O trabalho apresentará a teoria de alguns autores como: Couto (1986), Cunha (1986), Fiorin (2012), Monteiro (2002), Castilho (2002), Matoso Câmara (1953, 1964). Vale salientar que este não é um grupo qualquer que será pesquisado, mas sim uma classe em questão, será feita a gravação, de entrevista de uma conversa com (06) dez professores, (língua portuguesa e matemática) do ensino publica das escolas estaduais e municipais da cidade. Sendo metade dos entrevistados sexo feminino e a outra metade do sexo masculino e que posteriormente serão analisadas, se houve ou não a perda do /r/ no final dos verbos no infinitivo, de acordo com as teorias exposta acima. Também será levado em conta, em qual meio esta pessoa nasceu e cresceu, origem de suas raízes, centros urbanos ou rurais, pois assim, pode-se notar a existência de uma linguagem formal e informal no contexto. E a partir de sua formação acadêmica se houve mudanças ou não em relação a forma coloquial ou culta.

Palavras-chave: Variação linguística. Verbos no infinitivo. Professores.

1. Introdução

Neste trabalho pretende-se argumentar e demonstrar a questão da variação linguística no Brasil, especificamente em Campo Grande/MS, as causas desta forma variável de comunicação e como as regiões compreendem esta forma ampla de comunicação entre as pessoas.

Para o autor Cunha, (2013), a língua portuguesa deriva do latim, e que assim, a mesma faz parte da grande família das línguas indo-europeias, que são representadas em todos os continentes.

E neste sentido, o país tem como língua padrão, a língua portu-

guesa que ficou intitulada como língua oficial, uma vez que a coroa portuguesa faz parte do contexto histórico. E sendo mais específica, a língua sofreu alterações de acordo com as regiões, pois este é um país que tem uma miscigenação muito grande. Primeiramente haviam os índios, depois chegaram os africanos e todos os desbravadores europeus, inicialmente fala-se tupinambá, mas com a colonização dos portugueses, o país passou a ter oficialmente a língua portuguesa como a língua de todos que moravam neste local.

E segundo Cunha;

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida através das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do país. Claro que um idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta (2013, p. 31)

Os diferentes falares devem ser considerados como variações e não como erros, pois o princípio fundamental da língua é a comunicação de uma comunidade e entre uma e outra há variações na fala.

Para Saussure (1969) a língua é um sistema de signos, um conjunto de unidades que se relacionam, e a parte social da língua, forma de comunicação, assim contém outro elemento, a fala que é um ato individual.

Ainda para o autor, a fala é a parte individual da linguagem que é formada por um ato individual de caráter infinito. Para Saussure, é um “ato individual de vontade e inteligência” (p. 22).

Para entender melhor este sistema, independente da forma de falar, seja ela formal ou coloquial, o interessante que sempre há comunicação entre os indivíduos.

Monteiro nos mostra em sua obra, *Para Compreender Labov*, a citação abaixo e acredita que seja relevante:

...a questão dos estilos de fala e dentro da perspectiva seja interessante a ressalva sobre a variação linguística, o estilo de fala constitui um dos maiores desafios no estudo da variação sociolinguística. O princípio básico é o de que nenhum falante utiliza a língua da mesma forma em todas as ocasiões, o que implica a escolha entre várias possibilidades de expressão (2000, p. 68)

E na perspectiva da fala, a mesma representa um sistema comuni-

cativo controlador da interação social, desta forma, os falantes produzem suas mensagens e no mesmo sentidos são compreendido dentro contexto independe da comunicação ter um padrão culto ou não. Mas ao deparar-se com gramáticos, os mesmos mencionam que o conceito não segue os padrões da norma culta do português, pode até ter comunicação, mas não uma coerência na fala.

Considerando as formas de falas diferenciadas no Brasil, com relação a língua portuguesa, existe insuficiência de informações científicas sobre as diferenças de natureza fonética, morfossintática e lexical que separam as variedades regionais nele existente.

Para Cunha;

A questão é histórica, geográfica e social, dentro do Brasil e a variação linguística na língua portuguesa enuncia-se em dois subfalares (o amazônico e o nordestinos) e quatro grupos no sul (o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista) ou seja a língua portuguesa no país passa por um dialetalização (1989, p. 34).

E dentro da fonologia, trabalhando o contexto geográfico não fica difícil demonstrar a questão da variação. Dentro da classificação dos sons, cada dialeto tem sua entonação tanto na pronúncia das consoantes e das vogais e cada grupo vai defender seu dialeto como o correto. Para a preocupação dos gramáticos, pode-se mencionar a abordagem de Fiorin;

A gramática tradicional, ao fundamentar sua análise na língua escrita, difundiu falsos conceitos sobre a natureza da linguagem. Ao não reconhecer a diferença entre a língua falada e a língua escrita e passou a considerar a escrita como modelo de correção para toda e qualquer forma de expressão linguística (2012, p. 19).

A tarefa de muitos gramáticos é focar em suas teorias em que a língua portuguesa tem que seguir suas normas padrões escrita, já que a forma falada forje a esta estrutura.

2. Estrutura sintática

Apoiados por uma visão funcionalista, pensamos que a presença de um verbo infinitivo em uma locução verbal fosse bastante previsível, e, assim, o /R/ teria sua função informativa bastante reduzida nesta estrutura determinada, havendo maiores chances de ser apagado. A variável foi composta de duas possibilidades: infinitivo fazendo parte de uma locução verbal ou inserido em outras estruturas quaisquer da língua.

E para trabalhar com análise nos verbos no infinitivo, outro fator importante é a vogal temática, o controle desta variável baseia-se na suposição de que a presença da vogal temática no verbo na forma infinitiva pudesse ser um fator que permitisse o apagamento do /R/.

Para Cunha (2013), o emprego das formas flexionadas e não flexionadas do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. E muitas vezes o infinitivo e o gerúndio possuem um lado da forma simples, que exprime a ação concluída. E desta maneira o infinitivo apresenta um processo verbal em potência, aproximando – se do substantivo.

A consecução deste estudo advém da necessidade de sabermos como os falantes da nossa língua, em seu estágio atual, estão formando o verbo no infinitivo.

Para Castilho (2002), há um elemento ruptor entre o sujeito e o verbo, ele nos deixa brecha para citar que neste projeto de gramática do português falado há possibilidades do falante de língua portuguesa ter variação em sua fala, já que o país vive em constante variações, ou seja, rupturas em suas estruturas sintáticas, assim o autor nos coloca em uma situação árdua, pois inerentemente o sujeito se comunica, mas não dentro da norma culta.

Para que haja uma compreensão maior do português falado no Brasil, poderíamos parafrasear a argumentação histórica de Castilho que nos traz exemplos vivos da variação linguística recorrente no país, mas este é assunto para mais um artigo.

3. O preconceito linguístico

Ao conceituar o que é preconceito linguístico, pode afirmar-se que da mesma forma que a humanidade evolui-se, se modifica com o passar do tempo e que o julgamento quanto ao um grupo é humilhante quando o julgamos com um falar errado, a língua acompanha essa evolução e varia de acordo com os diversos contatos entre os seres pertencentes à comunidade universal. Assim, é considerada um objeto histórico, sujeita a transformações, que se modifica no tempo e se diversifica no espaço, já mencionado acima, e assim existem quatro modalidades que explicam as variantes linguísticas: variação histórica (palavras e expressões que caíram em desuso com o passar do tempo); a variação geográfica (diferenças de vocabulário, pronúncia de sons e construções sintáticas em regiões fa-

lantes do mesmo idioma); a variação social (o desempenho linguístico do falante provém do meio em que vive, sua classe social, faixa etária, sexo e grau de escolaridade); e a variação estilística (cada indivíduo possui uma forma e estilo de falar próprio, adequando-o de acordo com a situação em que se encontra).

Para Bagno

E a partir do momento em que um determinado grupo fala de uma forma diferente da habitual (português padrão; formal), esse grupo passa a ser discriminado e sofre atos preconceituosos de colegas, e até mesmo (ou principalmente) da escola. A língua formal é tida como a língua correta, única e verdadeira, pois é ela que é aplicada na escola e usada nas classes predominantes – aqueles que tiveram acesso à escola e à sua norma culta – excluindo toda e qualquer variação que seja contrária ao que os manuais dos gramáticos lhes impõem (2006, p. 22).

O que está em questão não é uma formação escolar, no qual, sempre delegam esta função a escola, e em uma tentativa de formar uma sociedade “mais culta”, não levam em conta a educação informal e as contribuições linguísticas que esses alunos levam à escola e acabam estabelecendo mitos de que “o português é muito difícil” e que este falar trazido de casa é o errado. Só para entendermos, será que é errado? Há comunicação entre o grupo?

Ao voltarmos ao início do texto, de acordo com o pai da linguística, ele deixa claro que se houve interação na fala, há comunicação, então não vejo o que há de errado. Mas na sociedade já está estigmatado que “só o português de Portugal é correto” (dentre outros mitos desmistificados por Bagno).

Um dos mitos que norteiam o preconceito linguístico é que só em Portugal sabe falar português. E neste sentido o autor afirma que o brasileiro sabe sim, falar português, o que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal.

O preconceito da eterna comparação do português do Brasil com o de Portugal não se torna menor do que o sofrido pelas classes desprestigiadas, ou aqueles que moram em determinadas regiões do país.

O objeto desta pesquisa é analisar a fala dos professores de língua portuguesa das escolas públicas de Campo Grande/MS.

O trabalho foi realizado através de pesquisa de campo com entrevista, uma vez que era direcionada algumas perguntas ao entrevistado.

Desta forma, ocorreu a pesquisa em duas escolas, sendo realizada com 06 (seis) professores, na qual, 03 (três) do sexo masculino e 03 (três) do sexo feminino.

A pergunta recorrente em que o entrevistador menciona ao entrevistado era: “na sua concepção de educador, o que você acha da educação atual do Brasil?”

A quantidade de minutos das entrevistas variou entre alguns segundos e até minutos, mas claro que não fomos direto à pergunta, houve toda uma preparação com estes professores para que eu pudesse abstrair o que me interessava. Inicialmente perguntei: Qual o motivo de ser professor? Posteriormente perguntei se gostava de sua profissão? E neste sentido lanço a pergunta que de fato me interessa a resposta.

4. *Corpus*

Frequência de apagamento de /R/ em verbos no infinitivo

<i>Professores entrevistados – 06 (seis) pessoas</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
Presença do /R/	01	02
Ausência do /R/	02	01

5. *Quadro de ocorrências*

Ocorrência Nº 1 (M)	“Eu acho que se <i>fica</i> da forma que está o brasil, não avança nas pesquisas.”
Ocorrência Nº 2 (M)	“Nós podemos <i>elevantar</i> o nível da educação nos dedicando mais e com um incentivo no salário.”
Ocorrência Nº 3 (M)	“Ela continua do mesmo jeito. As salas de aula são as mesmas. Sem <i>conta</i> que nossos salários não alcançam de outros profissionais com <i>graduação</i> .”
Ocorrência Nº 4 (F)	“Quero ser a melhor professora, sempre busco <i>innovar</i> meu conhecimento. A educação avança em um sentido lento, mas promissor...”
Ocorrência Nº 5 (F)	“A educação está em processo de avanço, mas os alunos ainda precisa de educação em casa. Os pais devem <i>buscar</i> meios para a criança venham para escola para aprender.”
Ocorrência Nº 6 (F)	“A educação perde muito. Ainda precisa <i>trazer</i> modelos novos educacionais, estamos como cem anos atrás. Os alunos não <i>que aprende</i> , tudo que a gente faz, não chama atenção. Eu falo mesmo.”

6. Resultados

Este trabalho apresenta algumas limitações, uma vez que não conta com dados de adolescentes, nem de analfabetos, dados esses que poderiam delinear melhor as variáveis que foram consideradas significativas. Mas se trata de uma investigação com professores e além disso, seria necessário comparar os resultados dos dados sobre a perda do /R/ em diversos estilos: formal, informal, contexto histórico, espaço social e geográfico.

A partir deste trabalho, pode haver uma ampliação posterior, incluindo dados dos verbos no infinitivo e sua função na comunicação.

Ao analisarmos as três ocorrências abaixo, é perceptível a subtração do /R/ em dois verbos.

- 1- “Eu acho que *se fica* da forma que está o Brasil, não avança nas pesquisas.”
- 2- “Ela continua do mesmo jeito. As salas de aula são as mesmas. Sem *conta* que nossos salários não alcançam de outros profissionais com graduação.”

Na ocorrência 1, houve o apagamento do /R/, o autor da mesma trata-se de um professor de língua portuguesa, masculino. Mas percebe que a preocupação do mesmo não era dizer dentro da norma culta e sim responder a questão e neste sentido percebemos que o mesmo conhece as regras, mas não faz uso das mesmas.

Já na ocorrência 2, o professor usa uma forma culta ao responder a questão, mas mesmo assim há o apagamento do /R/, mas julgamos que ele é um conhecedor dos padrões gramaticais.

Na ocorrência 3, não há o apagamento do /R/ no verbo no infinitivo.

- 3- “Nós podemos *elegar* o nível da educação nos dedicando mais e com um incentivo no salário.”

Neste sentido, a análise segue agora com o gênero feminino de docentes de língua portuguesa.

Nas duas primeiras ocorrências não houve variação, ou seja, não há apagamento do /R/, percebe-se uma preocupação na fala da entrevistada da ocorrência 4, pois sempre procura demonstrar domínio da norma culta.

- 4- “Quero ser a melhor professora, sempre busco *innovar* meu conhecimento. A educação avança em um sentido lento, mas promissor...”

Na quinta ocorrência, a professora tenta deixar bem forte esta marca do /R/ em sua fala. Para pesquisa utilizei só uma oração, mas demais frases podia ouvir nitidamente esta marca da variação linguística, a questão da fonologia.

- 5- “A educação está em processo de avanço, mas os alunos ainda precisa de educação em casa. Os pais devem *buscar* meios para a criança venham para escola para aprender.”

Ao finalizarmos, trouxe está oração, para demonstrar que está docente não estava preocupada com a forma de falar, já que a mesma é uma professora de língua portuguesa, pois sua indignação com o sistema é nítida e isso reflete na forma de se expressar.

Nesta ocorrência seis, todos os verbos pronunciados no infinitivo têm o apagamento do /R/, isso demonstra como é a fala de alguns profissionais da educação em Campo Grande/MS.

- 6- “A educação perde muito. Ainda precisa *traze* modelos novos educacionais, estamos como cem anos atrás. Os alunos não *que aprende*, tudo que a gente faz, não chama atenção. Eu falo mesmo.”

7. *Conclusões*

Neste sentido para concluir o artigo, busca-se referência em Bagno, as variações linguísticas acontecem porque vivemos em uma sociedade complexa, que na qual estão inseridos diferentes grupos sociais. Desta maneira alguns grupos tiveram acesso à educação formal, enquanto outros não tiveram muito contato com a norma culta da língua em sua infância e no decorrer da escolaridade. Pode-se observar também que a língua varia de acordo com suas situações de uso, pois um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística. Desta forma, trata-se uma mesma comunidade, de um mesmo grupo, mas há variações, dentro do campo linguístico, a fala coloquial é considerada correta, uma vez que o receptor entenda a mensagem, mas dentro de um grupo distinto como docentes não pode ter erros. Os falantes têm que falar de acordo com a norma culta da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico, O que é, com se faz*. São Paulo: Loyola, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A gramática de português falado*, vol. I, 4. ed. Campinas: Unicamp 2002.
- COUTO, Hildo Honório. *O que é português brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Digital, 1989.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.